

VOZES DO OUTRO NA MATERIALIDADE DO TEXTO ACADÊMICO: UM ESTUDO SOBRE AS FUNÇÕES DO DISCURSO CITADO

Ilderlandio Assis de Andrade Nascimento

Bolsista PIBIC/CNPq – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Rosângela Alves dos Santos Bernardino

Professora do Departamento de Letras – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Resumo: Este trabalho analisa as vozes de outrem materializadas no texto acadêmico, objetivando descrever, analisar e interpretar as funções que essas vozes desempenham na construção de sentidos do texto. O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e documental, de base qualitativa e quantitativa. Como base teórica, dialoga com os postulados de Bakhtin (1990), Authier-Revuz (1990) e Maingueneau (1996; 2002) e, também, com os estudos de Boch e Grossmann (2002), Pereira (2007), entre outros. O *corpus* deste estudo é constituído de 06 produções textuais elaboradas por estudantes do 6º (sexto) período do Curso de Letras/Português de uma instituição pública, durante o semestre letivo de 2011.1, como resposta a uma questão avaliativa. A análise qualitativa revela que os estudantes mobilizam o discurso citado com três funções, a saber: (i) *fundamentar uma afirmação*; (ii) *introduzir um ponto de vista* e; (iii) *completar um dizer*. Na perspectiva quantitativa, predomina a função *introduzir um ponto de vista*, seguida da função de *fundamentar uma afirmação* e, por último, a *função de completar um dizer*. Diante dessas ocorrências, verifica-se que o estudante se apropria da voz do outro como forma de consolidação de seu dizer (PEREIRA, 2007). Revela, portanto, que a voz do outro se configura como elemento instaurador de sentidos. No entanto, as superposições de ideias do outro pode causar problemas na escrita acadêmica, isso porque silencia a voz do estudante em um contexto que exige um pensamento crítico, criativo, avaliativo, do qual surgem a criação de ideias, de teorias, de sínteses, etc..

Palavras-chave: Discurso do outro; Texto acadêmico; Funções do discurso citado.

1 Primeiras palavras

Nos últimos anos, estudiosos da linguagem têm se debruçado sobre o estudo da escrita acadêmica, o que revela uma maior tendência em compreender como se configura o processo de produção escrita nesse contexto. Dialogando com esses estudos, que tomam a escrita acadêmica como objeto de estudo, esse trabalho versa sobre as vozes do outro na materialidade do texto acadêmico de estudantes do Curso de Letras. É um estudo realizado como trabalho prático durante a disciplina da graduação *Análise do Discurso* e dialoga com a *Análise do Discurso* Francesa e com os pressupostos da Linguística Textual (LT). Tem como objetivo identificar e descrever as funções do citar os discursos/vozes de outrem, atentando para a recorrência dessas vozes marcadas na materialidade discursiva (texto) e saber que efeitos de sentido essas vozes suscitam.

Para o desenvolvimento desse trabalho, assumimos o pressuposto de que o texto é atravessado por múltiplas vozes de outro, constituindo-se em é um fenômeno recorrente,

natural e característico dos textos de um modo geral. Destarte, uma das características dos textos são as vozes citadas do outro que soam nas linhas da materialidade discursiva. Esse coro de vozes marcadas ou não na trama textual exerce funções diversificadas na construção de sentidos do texto, conforme Boch e Grossmann (2002).

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e documental, de base qualitativa e quantitativa, desenvolvida com um *corpus* composto por 06 produções escritas (textos) elaboradas por Estudantes do 6º período do Curso de Letras/Português de uma instituição pública, durante o semestre letivo de 2011.1, como resposta a uma questão avaliativa. Os textos foram solicitados numa avaliação da disciplina Gêneros Textuais, na qual pedia-se que os estudantes apresentassem uma discussão sobre a concepção de gêneros textuais/discursivos no campo da investigação linguística, considerando a contribuição da abordagem bakhtiniana, da abordagem de Maingueneau e da abordagem de Swales. A escolha por esse *corpus*, ao mesmo tempo em que contribui para os estudos na área, justifica-se pela necessidade de compreendermos cada vez mais a produção escrita acadêmica no contexto da própria sala de aula do curso de Letras. Além disso, os textos colhidos são de estudantes com relativa maturidade acadêmica, o que mostrará o *comportamento* desses estudantes diante dos teóricos estudados no curso.

Para estudar as funções das vozes do outro na materialidade desses textos produzidos, mobilizamos os seguintes referenciais teóricos: Bakhtin (1990), Authier-Revuz (1990), Maingueneau (1996; 2002), Boch e Grossmann (2002), Pereira (2007), entre outros. Este trabalho está dividido da seguinte forma: primeiramente trazemos as discussões sobre as vozes no discurso, em seguida apresentamos algumas considerações sobre a natureza da escrita acadêmica, logo depois mostraremos um quadro com algumas categorias utilizadas por estudos que abordaram essa temática. Na sequência, analisamos o *corpus*, mostrando de forma qualitativa e quantitativa os achados desse estudo e, por fim, fazemos algumas considerações sobre os resultados obtidos.

2 Heterogeneidade discursiva: vestígios das vozes no discurso

Bakhtin (1990) postula que os discursos florescem numa orientação dialógica com outros discursos. Ele entende que esse diálogo ocorre em “todos os graus e de diversas maneiras”. Com essa noção de discurso, entende-se que todas as produções de discursos

mantêm, de alguma maneira, um laço dialógico com outros discursos, ou seja, são perpassados por outras vozes, outros dizeres, outros enunciados.

Ao discorrer sobre a relação do discurso com outros discursos, Bakhtin (1990) afirma: “Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando-se com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso” (p.86). Assim, o discurso/texto é formado a partir da presença de várias vozes em sua estrutura. Essas vozes/discursos apresentam relações diversas com o discurso. Dessa constatação resulta a importância de se entender as finalidades das mobilizações das vozes do outro na construção textual dos sentidos do texto.

Ao explicar a relação dos discursos em direção ao *objeto do discurso*, Bakhtin (1990) diz que ele (o objeto) *é a concentração de vozes multidiscursivas* e que dentre as quais *deve ressoar a sua voz*. O autor citado acrescenta: “Essas vozes criam o fundo necessário para a sua voz, fora do qual são imperceptíveis, ‘não ressoam’ os seus matizes”. (BAKHTIN, 1990, p. 88). Destarte, cada discurso entra em contato com outros discursos, outras vozes, mantendo laços dialógicos na construção de um objeto de discurso, fazendo com que o objeto seja atravessado por múltiplas vozes. Desse modo, portanto, o discurso, na concepção bakhtiniana, *é polifônico*. Essa *polifonia* ou muitas vozes que constituem o discurso são ouvidas/percebidas na materialidade discursiva.

Nessa discussão, uma característica do discurso não deve ser desconsiderada: a heterogeneidade enunciativa. A heterogeneidade é objeto de estudo da linguista Authier-Revuz (1990), ligada à corrente francesa de Análises de Discurso, que parte de uma concepção dialógica da linguagem em seus estudos. A autora classifica a heterogeneidade em constitutiva e mostrada, afirmando que ambas “representam duas ordens de realidades diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32). Conforme esses dizeres, enquanto a heterogeneidade constitutiva é marca de todo discurso, sendo de sua própria natureza, no sentido de que todo discurso é constituído a partir de um *já dito*, a heterogeneidade mostrada é marcada, evidenciada, percebida, identificada na trama textual do discurso. Por isso, essas duas *ordens* são realidades diferentes de negociação com o discurso do outro.

Authier-Revuz (1990), ao propor uma descrição da heterogeneidade mostrada, apresenta, para isso, “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.” (p.26). A partir dessas palavras, é cabível dizer que as múltiplas vozes que tornam o discurso heterogêneo são

linguisticamente representadas no discurso. Essa presença visível, para a autora, configura-se como uma negociação com a heterogeneidade constitutiva do discurso.

A autora citada postula que existem três formas ou tipos de heterogeneidade mostrada. Na primeira, temos o discurso relatado (em que o locutor utiliza suas palavras para traduzir as palavras do outro) ou cita as próprias palavras do Outro (discurso direto). Na segunda, o locutor assinala as palavras do outro por meio de aspas, de itálico. E, por último, o discurso do outro não é marcado, pois se mostra no espaço do implícito como, por exemplo, o discurso indireto livre.

Com relação a essas formas de heterogeneidade mostrada, mais especificamente sobre o discurso citado, Maingueneau (1996) postula e descreve várias formas com as quais o locutor pode integrar uma enunciação numa outra enunciação (discurso citado). Esse autor mostra que a tendência é nos distanciarmos da concepção de texto como uma *espécie de ilha* e abordarmos os textos como um *trabalho sobre outros textos*. Nesse sentido, ele retoma o dialogismo bakhtiniano ao dizer que os textos são produzidos a partir de um *já dito*. Assim, o discurso/texto é concebido numa relação com outros discursos que o constituem e que o atravessam.

A partir de Maingueneau (1996, 2002), temos vários modos de citar as vozes do outro no discurso, quais sejam: discurso citado direto, discurso citado indireto, discurso citado direto com “que”, modalização em discurso segundo, ilhota citacional, resumo com citações, discurso indireto livre. Cada um desses modos apresentam suas características linguísticas e semânticas específicas e assinalam a heterogeneidade mostrada no discurso.

Desse modo, conforme as discussões apresentadas, é consenso entre os autores a tese de que o discurso é constitutivamente heterogêneo. Nesse sentido, o texto apresenta vestígios de várias vozes, de vários dizeres que podem ou não serem marcados linguisticamente. Além disso, constatamos que é com a noção de heterogeneidade mostrada que rastreamos os vários modos de discurso citado, cada um com marcas e funções específicas que os caracterizam e os distinguem. Desse modo, as vozes presentes no discurso exercem funções discursivas que constituem/constroem sentidos para esse discurso.

3 O diálogo com a voz do outro na escrita acadêmica

No universo acadêmico, o diálogo com outras vozes se configura como uma necessidade, até porque, nesse contexto, a produção escrita exige um atravessamento com

outros dizeres, outras vozes, com o *já dito*. Essa exigência nasce da ideia de que, na escrita acadêmica, o discurso precisa interagir com outros discursos da área do conhecimento. É nesse sentido que Boch e Grossmann (2002, p. 98) salientam o seguinte: “O apoio no discurso do outro aparece, então, na maior parte do tempo, como uma necessidade acadêmica”, fato é que a realidade acadêmica exige uma concepção verdadeiramente dialógica da escrita. Nisto reside a “necessidade” do acadêmico mobilizar, no texto, por meio das várias formas de discurso citado, as vozes do outro.

Com base nesse pressuposto, o discurso produzido na esfera acadêmica deve ser visto como sendo dialógico nos moldes postulados por Bakhtin, uma vez que esse discurso geralmente é produzido a partir de outros discursos, os quais fundamentam o novo discurso que está sendo produzido. Cabe dizer ainda que o discurso acadêmico se caracteriza pela utilização sistemática de estratégias textual-discursivas de construção de sentido, envolvendo citações e paráfrases em sua constituição. Isso porque o estudante precisa desses mecanismos para a demonstração e validação de teses (ideias) em gêneros textuais.

Portanto, no discurso acadêmico, o enunciador necessita se reportar ao discurso do outro, que é o “já dito”. Assim, concebe-se o discurso acadêmico como sendo essencialmente atravessado por várias vozes. Em outras palavras, trata-se de um discurso constitutivamente marcado por vários outros discursos, que adentram em sua tessitura e são responsáveis pela construção dos sentidos.

4 As funções do discurso do outro

Sobre as funções do discurso citado, Maingueneau (1996, p. 103) diz que “as falas não são somente citadas, elas ocupam lugar numa narrativa.” A partir dessa compreensão, é possível entender que, ao mobilizar a voz de outros no discurso, o locutor não apenas os cita, mas faz com que esses outros ocupem um lugar, exerçam uma função, construam certos efeitos de sentidos e não outros, enfim, que preencham espaços não apenas linguisticamente, mas semanticamente.

Compartilhando desse pensamento, elaboramos um quadro a partir de estudos de Boch e Grossmann (2002) e de Pereira (2007), em que esses autores elaboram categorias referentes às funções do discurso citado. Vale salientar que Boch e Grossmann (2002) desenvolveram uma pesquisa comparativa com textos (relatórios) produzidos por especialistas, no caso, pesquisadores em linguística, e por estudantes de graduação. Pereira (2007), por sua vez,

baseando-se em estudos de Boch e Grossmann, desenvolve suas categorias a partir de análises de textos de conclusão de curso (monografia) de estudantes de especialização e de estudantes de graduação.

FUNÇÕES DO DISCURSO CITADO	DEFINIÇÃO/CONCEITO
Fundamentar uma afirmação	- o aluno/produtor lança mão do discurso do outro para dar sustentabilidade ao seu dizer. (BOCH e GROSSMANN, 2002; PEREIRA, 2007).
Introduzir um ponto de vista	- o aluno/produtor refere-se às palavras dos outros unicamente para reafirmar a ideia expressa pelo próprio outro (autor/fonte). (BOCH e GROSSMANN, 2002; PEREIRA, 2007).
Completar o dizer	- o aluno/produtor reporta-se às palavras dos outros para complementar o seu dizer na progressão discursiva. (PEREIRA, 2007).
Definir uma ideia/conceito	- o aluno/produtor utiliza-se do discurso citado para definir uma ideia, uma expressão. (BOCH e GROSSMANN, 2002; PEREIRA, 2007).
Finalizar uma ideia	- o aluno/produtor faz uso das palavras dos outros para finalizar a temática/discussão. (PEREIRA, 2007).

Quadro 01: As funções do discurso citado

As categorias apresentadas nesse quadro não esgotam a quantidade existente, até porque nos estudos de Boch e Grossmann (2002) são mencionadas outras categorias constatadas em textos de especialistas que não foram reproduzidas no quadro acima. Esses pesquisadores destacam o fato de que o discurso citado pode ser mobilizado para exercer várias funções. Além disso, compartilhamos do mesmo pensamento de Pereira (2007) ao dizer que as funções citadas: fundamentar uma afirmação, introduzir um ponto de vista, completar o dizer, definir uma ideia/conceito e finalizar uma ideia “podem ser atribuídas aos diferentes modos de discurso citado” (p. 111).

5 Análise do *corpus*: arrancando as vozes do outro no terreno discursivo

Analizamos um *corpus* constituído de 06 (seis) textos escritos, produzidos por estudantes do curso de Letras. Para isso, faremos primeiro uma análise qualitativa, em que

mostraremos fragmentos representativos das categorias encontradas na análise. Logo depois, faremos uma análise quantitativa, em que mostraremos o percentual das ocorrências das categorias encontradas e para, então, tecermos algumas considerações que merecem destaque.

5.1 Análise qualitativa

A análise do *corpus* revela que os estudantes do curso de Letras mobilizam o discurso do outro em textos por eles produzidos para: (a) fundamentar uma afirmação; (d) introduzir um ponto de vista e; (c) completar um dizer. Desse modo, das categorias elencadas por Boch e Grossmann (2002) e Pereira (2007), vistas no quadro acima, apenas 03 (três) delas foram constatadas nos textos que analisamos. Vejamos fragmentos de textos que mostram como cada uma dessas funções é exercida:

(a) FUNDAMENTAR UMA AFIRMAÇÃO

(i)

O pensamento de Bakhtin representa uma oposição em relação à linguística de seu tempo: oração (unidade da língua) X enunciado (unidade da comunicação discursiva). Para o autor , a fala só existe de forma concreta nos enunciados, ou seja, o enunciado tem que considerar o contexto do indivíduo, do sujeito de um discurso.

Nesse fragmento de texto é possível perceber duas vozes, dois atos discursivos, o discurso do produtor do texto (estudante) e o discurso que é citado, de Bakhtin. Verifica-se a utilização da voz/discurso de Bakhtin, pelo estudante, com a função de fundamentar uma afirmação. Assim, ao afirmar que *O pensamento de Bakhtin representa uma oposição em relação à linguística de seu tempo: oração (unidade da língua) X enunciado (unidade da comunicação discursiva)*, o produtor do texto recorre a Bakhtin, citando-o, por meio de uma modalização em discurso segundo: *Para o autor, a fala só existe de forma concreta nos enunciados*. Desse modo, o estudante cita a voz/discurso do outro com a função de fundamentar, de dar sustentabilidade ao seu dizer (PEREIRA, 2007).

Como percebemos, o discurso citado exerce na construção dos sentidos do texto acadêmico a função de fundamentar uma afirmação. Essa constatação nos mostra, além do aspecto dialógico, que a produção de textos acadêmicos apresenta uma dependência quanto à mobilização do discurso do outro, ou seja, para dizer o estudante necessita do dizer, da autoridade, de um outro. Além disso, aponta para o fato de que, como iniciante, o estudante

necessita recorrer ao discurso do outro, buscando, assim, amparo e fundamentação para suas palavras de forma que o discurso do autor citado vem autorizar as palavras do produtor/estudante.

(b) INTRODUZIR UM PONTO DE VISTA

(ii)

Comecemos por Bakhtin. **Para esse teórico**, partindo do conceito de dialogismo, o uso da linguagem encontra-se ligada a diversas esferas da atividade humana. Nesse sentido, sendo os campos da atividade humana multiformes, as formas de linguagem também o são. **O autor afirma que** “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. **Para esse mesmo autor**, os gêneros do discurso são heterogêneos, sendo orais ou escritos. [...]

Nesse fragmento verificamos que o estudante de graduação discorre sobre a concepção de gêneros do discurso. Para desenvolver essa temática, ele inicia citando, em modalização em discurso segundo, *para esse teórico*, as palavras de Bakhtin ou o conteúdo delas. Desse modo, o estudante utiliza o discurso citado com a função de introduzir um ponto de vista, uma ideia, conceito, de uma autoridade da área, acerca da discussão em pauta, a saber: *Para esse teórico, partindo do conceito de dialogismo, o uso da linguagem encontra-se ligada a diversas esferas da atividade humana*. Nota-se que o propósito dessa citação é introduzir o posicionamento de Bakhtin sobre a temática, ou seja, sobre o estudo dos gêneros discursivos.

Além disso, o estudante ainda mobiliza outros dois modos de discurso citado para trazer para seu discurso as concepções de *gêneros do discurso*. Em um ele usa um discurso citado direto com “que”, a saber: *O autor afirma que “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”*. Em outro, ele usa uma modalização em discurso segundo, qual seja: *Para esse mesmo autor, os gêneros do discurso são heterogêneos, sendo orais ou escritos*. Desse modo, o discurso citado é mobilizado com função de introduzir um ponto de vista e também de sustentar, argumentar, especificar, esclarecer esse ponto de vista que é introduzido. Esse entendimento é constatado quando analisamos a função dessas citações mencionadas acima, em que uma introduz um ponto de vista de uma autoridade da área do conhecimento e, em seguida, outras citações são mobilizadas para sustentar, argumentar, esclarecer esse ponto de vista.

Sobre essa função do discurso citado na escrita de estudantes, Boch e Grossmann (2002, p. 8) dizem que ela “desvela, indiretamente, certos mecanismos poucos conhecidos que

regem o uso da referência ao discurso do outro.” Esses mesmos autores entendem que introduzir um ponto de vista é uma função específica dos discursos citados na escrita de estudantes. Sobre essa ocorrência, Pereira (2007) entende que essa é uma forma de deixar-se completar pelas palavras do outro. No entanto, essa superposição de ideias do outro apaga a própria noção de autoria do texto, silenciando a própria voz do estudante. Não aparece, nesse sentido, o posicionamento, o entendimento, a visão, a compreensão do estudante diante da temática.

(c) COMPLETAR O DIZER

(iii)

“[...] o que caracteriza os gêneros não são as estruturas que os gêneros apresentam, mas sim sua função social, isso porque, os gêneros são, na verdade, “atividades sociais”, conforme Swales. Essa ideia é também encontrada nas postulações bakhtinianas da linguagem. [...]”

O fragmento em destaque evidencia um caso em que o discurso citado exerce a função de completar o dizer do estudante. A ideia exposta pelo estudante de que *o que caracteriza os gêneros não são as estruturas que os gêneros apresentam, mas sim sua função social, os gêneros são, na verdade, “atividades sociais”*, contém, nesta última parte, um fragmento entre aspas, no caso “atividades sociais”, que está complementando o dizer do estudante. As aspas utilizadas marcam e indicam que tais palavras pertencem à Swales. Como vemos, o estudante recorre ao discurso do outro para completar um pensamento, uma ideia. Nesse caso, percebemos que o sentido é construído a partir de um entrelaçamento de vozes/discursos. Nessa *sinfonia* discursiva, uma voz complementa ou completa a outra como se houvesse uma incompletude que precisasse ser preenchida pelo outro. Nesse caso, chegamos à mesma conclusão de Pereira (2007), ao dizer que o estudante deixa prevalecer a voz do outro sobre o seu dizer, isso porque sem a voz do outro – discurso de autoridade – o seu dizer ficaria incompleto.

Com base nessa análise foi possível dizer que os estudantes iniciantes (graduandos) mobilizam o discurso do outro para exercer três funções específicas, quais sejam: fundamentar uma afirmação, introduzir um ponto de vista e completar um dizer. Por que essas funções e não outras? No universo acadêmico o estudante necessita do respaldo do discurso do outro, de autoridade, para fundamentar o seu dizer, para introduzir uma ideia ou conceito e para completar seu dizer. Demonstra, por outro lado, suas limitações nos posicionamentos,

nos argumentos, na criação de ideias na escrita de textos acadêmicos, visto que o discurso do outro é usado nessa escrita para exercer essas funções.

As funções identificadas mostram, ao mesmo tempo, uma dependência ao discurso do outro. O estudo de Boch e Grossmann (2002) constata que não ocorre de o estudante mobilizar o discurso do outro para marcar seu pertencimento a uma corrente ou a uma escola teórica, o que é frequente em textos de especialistas. Nossa análise mostra que as funções exercidas pelo discurso citado, muitas vezes, silencia a voz do estudante, visto que ele mobiliza a voz do outro para introduzir uma ideia e até mesmo para fundamentar essa ideia. Nesse sentido, os posicionamentos, as interpretações, as análises, as sínteses que deveriam ocorrer no texto acadêmico são suprimidas pelas superposições de ideias do outro.

5.2 Análise quantitativa

Nessa parte, apresentamos os dados quantitativos da pesquisa. Nela, mostraremos o percentual das ocorrências de cada uma das funções identificadas no *corpus*. Para isso, elaboramos, abaixo, um gráfico representativo das ocorrências de cada função.

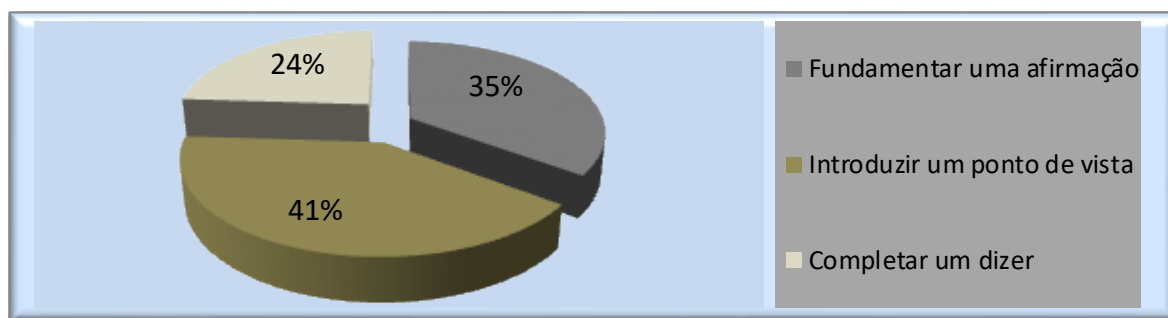


Gráfico 01: Funções do discurso citado em textos de estudantes do curso de Letras

Conforme o gráfico 01, constatamos a mobilização do discurso citado com a função de *introduzir um ponto de vista* com ocorrência de 41%. Isso quer dizer que o estudante recorre à voz do outro para começar uma ideia ou iniciar uma temática. Assim, as ideias, os pontos de vistas que são introduzidos na tessitura textual não são do estudante, mas de um outro. Desse modo, o outro é, em grande parte, a fonte e origem da temática textual.

No tocante à função *fundamentar uma afirmação*, verificamos que aparece com um percentual de 35% de ocorrência no *corpus*. Isso indica que o dizer do estudante está ancorado no dizer do outro. Os dizeres do estudante estão alicerçados no dizer de uma

autoridade da área do conhecimento, essa função do discurso citado aponta para uma característica do discurso acadêmico: o diálogo com o outro. Quanto à função *completar um dizer*, aparece com 24% de ocorrência. Mesmo com menor ocorrência, essa função nos revela uma dependência ao dizer do outro, fazendo com que a voz do outro seja usada para completar o sentido da voz do estudante na materialidade textual dos sentidos.

Essas funções manifestam, portanto, o diálogo de vozes na rede textual dos sentidos do texto, sendo percebido na materialidade do texto. Tais funções revelam que a voz do outro se configura como elemento instaurador de sentidos, tendo em vista as funções que desempenham no contexto acadêmico/científico. No entanto, as superposições de ideias do outro pode causar problemas na escrita acadêmica, isso porque silencia a voz do estudante em um contexto em que a produção de conhecimento exige desse estudante um pensamento crítico, criativo, avaliativo, do qual surgem a criação de ideias, de teorias, de sínteses, etc..

6 Considerações finais

Este trabalho pautou-se no objetivo de identificar/descrever as funções do discurso citado na escrita de estudantes do curso de Letras, observando como ocorre a construção de sentidos desses textos, considerando o diálogo de vozes na tessitura textual. Para isso, analisamos produções escritas de alunos de graduação em Letras/português, mais especificamente, textos produzidos como requisito avaliativo da disciplina *Gêneros textuais*.

A análise revela que os estudantes mobilizam o discurso citado com três funções, a saber: (i) fundamentar uma afirmação; (ii) introduzir um ponto de vista; e (iii) completar um dizer. Dessas, predomina a função de introduzir um ponto de vista, seguida da função de fundamentar uma afirmação e, por último, a função de completar um dizer. Diante dessas ocorrências, verifica-se que o estudante se apropria da voz do outro como forma de consolidação de seu dizer (PEREIRA, 2007).

Face ao exposto, a impressão que temos, em muitos casos, é que a voz do outro forma um aglomerado de citações, ou melhor, uma superposição de ideias. Isso porque o estudante nem sempre consegue buscar uma interação com a voz do outro, mas apenas se apropria delas. Tal constatação pode ser inferida do fato de que os estudantes não estão familiarizados com os modos e funções de discurso citado, como mostram Boch e Grossmann (2002).

O que fazer diante dessa constatação? Ela nos leva a compreender que não basta apenas pedir aos estudantes que citem referências, que recorram ao discurso do outro, que

dialoguem com o outro nas suas produções, mas sim, que esse “pedir” seja acompanhado de orientações e explicações sobre o funcionamento discursivo do discurso citado na escrita acadêmico-científica.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de estudos linguísticos**. Trad. de Celene M. Cruz e João W. Geraldi. Campinas, São Paulo: 1990.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1990.

BOCH, F.; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v.6, n.11, p. 97-108, 2002.

MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos de Comunicação**. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo, Cortez, 2002.

_____. **Elementos de linguística para o texto literário**. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos; revisão da tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PEREIRA, C. C. **Formas e funções do discurso do outro no gênero monográfico**. 2007. 234 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.